12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Os filhos da noite

Altas horas, quando o rio está tranquilo e todos dormem, deslisam os barcos dos novos piratas do Tejo. Ultimamente, o roubo dum "hyate" de recreio veio de pôr em foco outra vez as famosas quadrilhas que a policia maritima persegue.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 14

LISBOA 19 DE ABRIL DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — R. D. Pedro V, 11 — Tel. 401 N. — DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES — IMPRESSÃO — R. da Rosa, 99

Má língua

CARTA DA ALDEIA

(Parada de Ginla, 17-4-925.

Meu amor.

Nesta aldeia, que, de aldeia
tem tudo quanto é dado e natural,
a gente perde a pouco e pouco a ideia
do borborinho chocho que rodeia
esse feio viver da capital.

Toda a Distancia desdesenha e esfuma
num tracejar de uns kilometraes . . .
O Vicio, o Mal, ou coisa que os resuma,
só muito amortecidos na caruma
galgam tamanho mar de pinheiraes.

Mas eu, que na minha alma de beirão
bem sinto as contraveiras de alfacinha,
em certas crises de imaginação
vejo aqui, numa fiel reproducção,
coisas de que estou longe e tu vizinha.

Ha lá em baixo uma mata de carvalhos.
Num, que está podre, quando sopra o vento
cambaleiam cardumes de bogalhos
onde as moscas se criam sem trabalhos.
Não será tal e qual o parlamento? . . .

Num tronco muito velho e carcomido
— mas todo enfeitadinho de renôvo . . . —
um bando de pardaes anda entretido
a grazinar-me no bicho do ouvido
que aquillo alli é o seu theatro novo.

E quando as cabras ruivas da vizinha
(tenho um odio de morte áquella velha!)
soltando a franca coloção da vinha
não respeitam rebento nem herdinha,
eu corro á pedra essa legião vermelha . . .

Emfim . . . Seria longo ennumerar
os «similes» que encontro por aqui.
A minha pena é só não encontrar
num canto de ave ou num clarão de luar
coisa que valha o meu amor por ti.

TAÇO

comentarios

A Camara de Lisboa — oh! a deliciosa, a perturbante Camara de Lisboa! — acaba de votar uma medida urgentissima e que de ha muito se fazia sentir como inadiavel e imperiosa necessidade — mudou o nome do Largo das Duas Egrejas. Estamos daqui a vêr o circumspecto cidadão, cofiando o queixo na sua magestosa poltrona da comissão executiva, e tomando o ar consideravel duma pessoa profunda: «Meus senhores . . . o Largo das Duas Egrejas deve chamar-se o Largo do Chiado, em nome das necessidades e do prestigio da Republica!

Seria dum grotesco desopilante, se não fosse, infelizmente duma infinita tristeza, que a par de tantos e tão interessantes problemas que abandonam, os manipansos da Camara Municipal, se preocupem com chinezices de colegiais.

HIPOTESES . . .

— Ora o «papo-séco» — se mulher não tem onde cair morto.
— Não tenho, sobretudo, onde cair vivo.

questão prévia

AGORA, sim! Agora já me convenço de que a Primavera é um facto e um fato em perspectiva, um fatinho leve de tecido e pesadissimo de preço.

Já meus olhos cançados da banalidade das frontarias do casario urbano se refrescaram e docemente repousaram nas olaias floridas dos primeiros talhões da Avenida e dum certo recanto lisboeta, aquele retalho de rua que fica entre o Parlamento e o mercado de S. Bento, especie de *Paradou* tranquilo, onde a herva cresce exuberante pelos entresticios do empedrado, fazendo um retirosinho quasi campestre no meio do ferro velho do mercado e do ferro velho dos trapos parlamentares.

Já pelas janelas se debruçam os vestidos claros, tendo dentro corpinhos airosos em que a seiva acorda em sorrisos e côr, como nos troncos rugosos das olaias toilas carmezins, como um tubor de noiva nos umbrais do misterio nupcial. E o ceu é azul sem mancha e as mulheres são mais lindas e dentro em nós palpita uma alegria nova e até nas almas tristes a tristeza é mais leve e parece querer sorrir.

Já, pela tardinha, as andorinhas riscam o azul palido em vôos nervosos, perseguindo-se numa amorosa carreira de ninfas e de faunos, lutando contra o vento, que á boquinha da noite vem tambem folgar no espaço, desgrenhando os cachos de glicinias e roçando-se sensual pela corola das primeiras flores, roubando-lhes o perfume, com que vem afagar-nos a face e levando, dum narciso para o outro, o polen fecundante.

Devia ter sido assim por um tão luminoso e acariciante desfilar da estação florida que Fialho escreveu aquela adoravel «Sinfonia da Primavera», com que abre o «Paiz das Uvas», uma das mais bem orquestradas paginas do nervoso impressionista, sobre cuja obra caiu um silencio injusto, que não consegue, todavia, apagar-lhe a beleza sempre palpitante.

Poetas e cavadores de enxada, mulheres a dias ou poetisas editadas pela «Portugalia», todos nós a sentimos na alma, na carne, nos nervos, a frémente Primavera, cujos eflúvios participam da sensualidade e do misticismo. Ha nos musculos um distender preguiçoso e no sangue acordam desejos languidos e se a alguns rebentam borbulhas no nariz a quantos outros não rebentam aneurismas de paixão e sentimento. E' a epoca critica dos depurativos da carne e do espirito, é o reinado da salsaparrilha e do casamento.

Sempre por esta epoca eu sinto em mim um renovar da minha personalidade, que vai dos mais remotos tempos da infancia, quando bebedo de sol e de sono entornava as sopas por cima do bibe, até aos mais saudosos tempos da puberdade, quando sobre o dicionario de latim e no proprio caderno dos significados exprimia, em versos detestaveis, as minhas primeiras ancias, ainda informes, dum grande e dôce bem que eu pressentia como o maior e o mais dôce da vida.

Primavera! Primavera! Eu que detesto os seus foscos e carrancudos, que amo a luz plena do meio dia, é sempre com gratidão que te vejo afirmares-te na verde penugem das arvores e no azul lavado do ceu. Cuido que da natureza só o lagarto ama como eu o sol radioso e é por isso que, quando tu chegas com toda a tua luminosidade, eu sinto cá dentro um impulso á S. Francisco de Assis, de abrir os braços e dizer á primeira lagartixa que encontre estendida ao sol: «Irmão lagarto, és cá dos meus!»

* * *

E desculpem os leitores esta cronica maluca. E' a Primavera! . . .

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

POUCOS factos poderiam agitar com tanta sensação a face politica do mundo como a apresentação do marechal von Hindenburg para presidente da imperial republica alemã.

De entre as figuras focadas pela grande guerra, o forte e rijo marecial — sereno vulto moldado em bronze — destaca-se bastante para que seja preciso destacar agora o que esse facto representa. No seu manifesto aos eleitores ele mesmo disse: «A minha vida é conhecida de todos.» E assim é. Por isso, basta pronunciar-lhe o nome para todas as atenções se interessarem pelo que se passa no palco do «Reich».

* * *

Mas uma circunstancia queremos frisar.

Geralmente nesta especie de «matches» eleitoraes surge sempre á ultima hora, como vencedor, um «tertius gaudet», muito boa pessoa, mas figura apagada, sem personalidade, nem especial significação. Surgir neste momento, na Alemanha o nome de von Hindenburg, como possivel vencedor, leva-nos a pensar que esse principio não se efectiva nos povos que lutam a valer pela vida e pelo ressurgimento.

* * *

Não podemos transcrever aqui todo o manifesto do marechal ao povo alemão; registemos, porém, que se no mesmo ele diz falar como soldado, todos reconhecem revelar tambem nesse documento qualidades de politico habil...

* * *

Outro acontecimento sensacional foi a queda do ministerio Herriot na França, sobretudo perante as dificuldades financeiras, com que esbarra a politica franceza.

O que torna essa queda ministerial particularmente interessante é o facto de que o ministerio Herriot era o unico governo «esquerdista» nas potencias marcantes da Europa, na hora presente.

. . . Não sobreviveu muito ao celebre ministerio trabalhista inglez do seu bom amigo, o Sr. Mac Donald.

* * *

E tão bom amigo lhe é o Sr. Mac Donald, que logo se apressou a manifestar os seus pezames, pela subita queda do seu colega francez.

São suas estas palavras:

«Não posso resistir ao desejo de dizer quanto lamento, por motivos pessoaes, que o meu velho amigo Herriot já não seja presidente do conselho».

E' bom, talvez, lembrar agora que ao constituir-se o falecido ministerio esquerdista francez, muito se disse terem contribuido, para tal, influencias da politica ingleza, então nas mãos dos trabalhistas do Sr. Mac Donald.

* * *

Emquanto que fora da Europa...

Notemos que, por ocasião da sua visita á Palestina, Lord Balfour viu desencadear-se uma corrente de irritação que chegou a traduzir-se em desordens. Não é costume não saberem os representantes da grandeza britanica evitar estes factos.

Agora, porêm, o distinto lord partiu para Alexandria, e temos o dever de esperar que brevemente nem êcos restarão desses factos lamentaveis.

A. ROCHA PEIXOTO

écos

DA aristocratica ourivesaria e joalharia *Leitão & Irmão*, do Largo das Duas Egrejas recebemos, como recordação do artigo que aqui publicámos a respeito dum hipotetico roubo na sua casa, uma gentilissima oferta de dois cinzeiros de prata, do melhor bom gosto, como tudo o que sai daquela primeira oficina lisboeta. E' tanto mais para agradecer a amavel lembrança quanto é certo que a ourivesaria e joalharia Leitão é das casas que pelo seu prestigio não precisa de reclame algum: o seu nome lhe basta.

RECEBEMOS a visita do brilhante semanario portuense *Pim-Pam-Pum*, a quem agradecemos do coração as amaveis referencias ao *Domingo Ilustrado*. O *Pim-Pam-Pum*, apresenta-se excelentemente, e tem entre outras a colaboração, sobre todas, brilhante, de *D. Fuas*, pseudonimo que encobre um dos mais espirituosos e modernos desenhadores portuguezes e decerto, no seu genero, o primeiro do Porto. Ao nosso simpatico colega as nossas saudações.

O secretario reclamista da companhia da Trindade, prestando o peor dos serviços que se tem feito a esse homem tão cheio de bôa vontade, tão inteligente e tão generoso que se chama José Loureiro, arrasta num jornal da tarde injurias e agravos para centenas de pessôas.

E' o que se chama um amigo dos diabos, pois querendo salvar um mau negocio do patrão, encrava-o mais e coloca em oposição com a Trindade pessôas que nunca hostilisaram o simpatico emprezario.

Da primeira «etape» dessa infeliz publicidade redigida, resultou já o pedido de demissão de Lino Ferreira do Teatro Nacional, onde com Macedo e Brito, tem mantido com brilho o equilibrio dificilimo da Casa de Garrett.

A revista «De Teatro» vai publicar o «in-memoriam» de Angela Pinto. Seguir-se-hão outras grandes figuras da scena portugueza.

RECEBEMOS muitos semanarios da provincia com os quais gostosamente estabeleceriamos a permuta. Infelizmente, o nosso jornal é de tal forma caro, que não nos é possivel realisar esse nosso desejo, pelos menos com a largueza precisa.

Em compensação seja-nos licito extranhar que mandando pontualmente o nosso jornal para as redações de *O Primeiro de Janeiro* e de *O Jornal de Noticias*, estes grandes jornais do Porto, quebrando um antiquissimo costume de camaradagem, não tenham tido para nós nem duas linhas sequer.

MIRIAM, cronista elegante de *O Correio da Manhã*, realisou nas salas da Liga Naval, com exito absoluto, uma encantadora festa de beneficencia. Bem haja!

DESCOBERTAS . . .

Sabido que os bebedos têm a mais decidida atração para os candieiros, este sistema será infalivel para os reconduzir rapidamente a casa...

O que se lê

«O MERCADOR DE PERFUMES» (Poemas) por Fernando Tavares de Carvalho — Lisboa, 1925.

Tavares de Carvalho, poeta a quem um só livro — «O Graal do Meu Encanto» — concedeu logo uma situação marcante entre a multidão de cultores do verso, apresenta, no seu segundo livro, a prova real de que as suas excepcionais qualidades estão em plena ascensão.

Já senhor dos mais dificeis segrêdos da sua técnica, escolheu agora alguns temas vagamente exóticos, dando-nos umas narrativas de sabor oriental onde se recortam perfis de estrelas amorosas e de minaretes multicores.

Espalhados por longas poesias serenamente evocativas, de ritmos amplos e doces, dum parnasianismo perfeito, ha alguns daqueles ver-

sos que só por si concedem o titulo de verdadeiro poeta a quem os subscreve.

A ultima poesia é das mais belas do volume, o que é dizer muito, e com sinceridade pode dizer-se que faz recordar, sem amargura e antes com um vislumbre de esperança, o saudoso estro de Junqueiro, nos seus momentos de mais saudavel idealismo e de maior audácia.

«OS MEUS DOMINGOS» (segunda serie) por André Brun.

Acaba de ser publicado mais um livro de André Brun, o que equivale a dizer que todos temos á nossa disposição algumas horas de bom humor.

O admiravel humorista continua em sua bela missão de semeador de alegrias e sorrisos. Bem haja pela generosidade com que procura aclarar a apagada tristeza que é o timbre da nossa convulsa época e da nossa geração saturada e azêda. O seu nome que tem firmado tantas páginas de prosa tão notavel pela graciosidade e leveza como pelo espirito dos seus risonhos conceitos, é bem credor do reconhecimento de todos quantos lhe devem alguns momentos de repousada leitura.

Recebemos e agradecemos: Um interessante conto infantil magistralmente ilustrado por Ra-

QUESTÃO DE RESISTENCIA

— Ai ! é que tem esta navalha que está insuportavel.
— Não queremos dizer que tem a cara mais fina que a lata de sardinhas que abre com ela...

Crónica alegre

O JUDEU ERRANTE Á MODA DO MINHO

ASSHAVERUS, o pobre judeu maldito, ia sempre caminhando. Não havia, a bem dizer, pelo mundo estrada ou carreteira, atalho ou veréda, azinhaga ou caminho de cabras, em que os seus doloridos pés não tivessem já sangrado. E, sempre que o desgraçado avistava sombra onde descançar, relva onde se deitar, pedra onde se sentar, mal esboçava um timido gesto de suspender, breves instantes que fossem, aquela andadeira sem trégoa em que ha seculos se vem consumindo, logo de subito lhe surgia Jehovah, com as suas grandes barbas nevadas, um dêdo espetado e voz de trovão, a dizer-lhe:

— «Caminha!

E o pobre judeu maldito lá ia, vergado ao seu inexoravel destino.

Numa das ultimas primaveras veiu arrastando-se ao longo das costas espanholas do Cantábrico. Por fim meteu pela terra dentro, topou um rio, atravessou-lhe a ponte e encontrou-se em certa região onde as fontes cantavam de noite ao luar, as portas dormiam de tarde a sesta sob alpendres de folhagem e as casas de telhado vermelho reflectiam de manhã á luz do sol na brancura das parêdes tôscas. De longe em longe o eterno caminheiro encontrava, ao longo das estradas, um carro de sonolentos bois girando de vagar sob a caricia embaladôra dum sol perpetuamente azul. Estava no nosso Minho, terra de abades e de açudes, de romarias e de verdascos.

* * *

Uma tarde — pensava o sol em ir deitar-se, pois tem que se levantar sempre de madrugada — atravessou Asshaverus uma grande aglomeração de moradias com sua praça, egreja, lojas abertos, passeio publico e gente de boa afeição. Ninguem reparou naquêle mendigo, pois no sitio andavam muitos, alguns aleijados, chorando de porta em porta.

Ia já saindo da vila — ou lá o que era — quando á beira da estrada, á porta duma casa fechada, avistou um banco de pedra onde bem se poderia dormir um sono regalado. Olhou em volta, viu-se só e dirigiu para o apetecivel banco os seus passos tristes e vacilantes.

Sentou-se a mêdo, ao cabo de hesitar muito, e no descançar dos ossos, soltou o mais consolado suspiro que dum peito humano tem saído. Mas logo a porta se abriu e, no limiar, apareceu um homem em mangas de camisa, com um tufo de cabêlos grisalhos em cada bochêcha, que disparou sobre o pobre Judeu Errante um olhar tôrvo e desconfiado.

Este erguera-se com custo e como o homem continuasse a fitá-lo em silencio e de cara fechada, para dizer alguma cousa perguntou:

— «Sabe dizer-me que terra é esta?

Então o homem da casa, com uma voz de tambôr-mór, respondeu:

— Caminha...

* * *

Assahaverus sentiu duas lagrimas de fogo subirem-lhe aos olhos.

Trez segundos antes, sentado sobre

o banco de pedra, chegara a ter a ilusão de que o seu fado era cumprido. Agora via bem que não e, retomando o alforge e o cajado, tirando humildemente o chapeu roto, disse a meia voz:

— «Desculpe, senhor Jehovah; mas, acostumado a vê-lo sempre de barba toda, não o conhecia agora com esses «matacões».

ANDRÉ BRUN

CINENAS

OS FILMS DA SEMANA

Depois das reprises de varias vidas de Cristo, mais ou menos pessimas, entrou semana nova. Vamos a ela:

O meu menino: «Porque éra «O meu menino?» O peor film da serie Pax de Gaumont.

Koenigsmark: A novela de Pierre Benoit, deu origem a este excepcional film de Leonce Perret, tão cheio de cousas belas que chega para redimir á cinegrafia franceza de tantos pecados como tem na consciencia. Fotografias muito interessantes, enscenação com achados verdadeiros e interpretação por Vanltier, Jacques Catelain e o nosso compatriota Eduardo Romero que marca um bom lugar. Hugnette Duflos é bonita e fica bonita no cinema e... nada mais.

As rãs, pedem um rei: Uma maravilha cinematografica do genial artista russo Starevitch que se mostrou, como realisador, á altura de La Fontaine e da sua pitoresca fabula. Um verdadeiro encanto.

Savitri-Satiran: Poema hindostânico sobre um mito brahamanico, realisado por Giorgio Mannini, neto do grande Manini que foi um dos maiores scenografos do seu tempo. Não se póde dizer senão bem deste film de bela estilisação, estupenda fotografia e desempenho soberbo da escultural Rina di Lignoro que já tinhamos admirado em «Messalina». Bons legendas com caracter.

Mandrin: Uma boa super-serie historica da Societé des Cine-romano e que, pelo folhetim deve fazer as delicias do grande publico pela sua acção cheia de imprevisto e a boa interpretação de todos os artistas. No primeiro episodio era notavel a maneira como foram reconstituidas as festas galantes sob Luiz XV. Mise-en-scene luxuosa de Henrique Frescourt.

O *Salão Central* continua no seu velho sistema de refrescar constantemente films de interesse duvidoso, o que lhe dá categoria de segunda ordem.

Ilha do Amor: Este film anunciado como super-film, é uma mixordiada completamente idiota, servindo para mostrar dois ou tres efeitos correctos da fotografia e enscenação. Entrecho pesado e longo, interpretação vacilante do galã e mole, sorvada, de Helena Makowska, já velha e passada de moda.

Enfim, a semana lá se arrastou conforme foi possivel.

ÉCRAN

quel Gameiro Ottolini e intitulado «O Friso da Moira», de que é auctora uma ilustre senhora que se encobre sob o pseudonimo de João da Selva.

«A Historia Sagrada», versos de Eduardo Moreira, que não fazia mal nenhum se fossem decorados pelo povo, como o actor desejaria e como duvidamos que sejam.

«El Milagro de San Martinho», curiosa novela de Cesar de Frias, incluida na colecção «La Novela del Dia», editada em Sevilha.

«Desvarios», sonetos amorosos de Maria José, poetisa que deve sentir-se feliz com o sucesso de interêsse que o seu opúsculo provocou e que é testemunhado pela epigrafe «3.ª edição» que vem estampada na capa e que é assás rara num livro do genero.

«Flores Singelas», versos dos 17 e 18 anos de Adão de Figueiredo, versos ingenuos e iguais a muitos, que nunca envergonharão o autor, mesmo se êle chegar a ser um poeta de idade madura.

NOTA: — Compete-me endossar aos compositores e revisores de «O Domingo Ilustrado» as letras trocadas que vieram esmaltar de erros de ortografia algumas destas rápidas crónicas. Não é pueril esta observação, por se tratarem de crónicas em que se fala da maneira como os outros escrevem.

Tomaz LEITÃO DE BARROS

Sports

LANÇAMENTO DO DISCO

SUA HISTORIA

II

O atleta que lançava o disco, colocava-se num local chamado «balbis»; perna direita á frente com o joelho um pouco flectido, todo o peso do corpo actuando sobre o pé direito.

Quando se resolvia a fazer o lançamento inclinava-se mais acentuadamente para a frente; a mão esquerda apoiava-se no joelho direito, emquanto que o braço executante estirado era levado á rectaguarda e á altura da espádua.

O atleta então conjugando todos os seus esforços fazia o braço direito descrever um semicirculo no espaço, antes de largar o disco que mantinha na mão, dando simultaneamente alguns passos á frente, para aumentar o vigor e o esforço do lançamento.

Todo o discobolo, que após subir para o «balbis», e no momento de lançar, deixava escapar o disco, era imediatamente excluido do concurso. Para obstar a estes inconvenientes, os atletas tinham por isso, de esfregar a mão direita com areia; alcatroavam egualmente o disco, tornando-o menos escorregadio.

Os lançadores nem sempre se apresentavam nús, como muitos auctores afirmam. Com efeito para atirar o disco, não era necessario que os atletas retirassem todo o seu vestuario; apenas o braço interessado na acção devia estar nú, de modo a dar-lhe a mais ampla e completa liberdade.

No entanto, como o lançamento do disco fazia parte do «pentathlon» conjuntamente com a lucta, salto, corrida a pé e lançamento do dardo, e n'estes exercicios os atletas se apresentavam completamentem despidos, é de prevêr que executassem o lançamento do disco, com uma «toilette» identica.

A atitude do discobolo foi um tema favorito para os artistas gregos; nenhum porem suplantou o trabalho do escultor Myron.

O trabalho original não apareceu, mas existem numerosas copias, das quaes a melhor, é sem duvida a existente no Museu Inglez de Londres.

Myron que se notabilisou 433 anos antes de Jesus Cristo, era um artista de genio, cujas creações tinham vida e movimento.

A sua estatua o «Discobolo» já era admiradissima dos antigos e é o melhor comentario ás discrições celebres herdadas de Lucien. Philostrato. Quintiliano e outros, sobre o lançamento do disco.

Em todos os movimentos d'aquela estatua, se verifica a exactidão dos textos; o atleta inclinando para a frente uma parte do corpo, fixando obliquamente a vista sobre a mão que segura o disco, o peso do corpo actuando sobre o pé direito, o joelho direito pouco flectido, a perna esquerda dobrada mais acentuadamente e apoiando-se nos dedos dos pés, como o atleta pretendesse endireitar-se, o braço direito puxado á rectaguarda e mantendo energicamente o dorso.

Algumas vezes o disco era perfurado no centro; neste caso era mantido por meio duma corda ou duma correia.

O disco constituia então uma especie de funda. Os montanhezes do condado de Appenzell adotaram este sistema para lançar pedras dum peso consideravel.

Reuniam-se duas vezes por ano para a execução deste exercicio violento, utilisando todos o mesmo projectil, saindo vencedor o que atingia maior alcance.

Como se vê, ha uma grande afinidade de principios entre os antigos discobolos e os montanhezes suissos.

Convem acentuar, que os suissos nem sempre se servem de correias para levantar e atirar pesadas pedras.

Nas festas ginasticas, aparecem jovens de diversos cantões, que atiram com a mão, á semelhança dos antigos, grandes bocados de rocha.

(Continua) — *CORRÊA LEAL*

WATER-POLO

A Liga Portugueza dos Amadores de Natação, marcou para o dia 21 de Junho, a final do campeonato de Portugal de Water-polo, pelo que devem ter começo nos primeiros dias do mez de Maio, os campeonatos regionaes.

Dado o atrazo em que ainda se encontram os trabalhos de organização de provas regionaes, quando ainda nesta altura da epoca não é conhecido o calendario das diferentes provas; deforma alguma podemos concordar que o Conselho Tecnico da Liga, tivesse marcado para tão cêdo, a final do campeonato Nacional que, só ha duas semanas, foi dado conhecimento desta deliberação.

Segundo nos consta, o regulamento deste jogo, sofreu algumas alterações, e elas ainda não são do conhecimento da maioria dos nadadores, visto estarem a imprimir.

Os Clubs concorrentes teem muito pouco tempo para se prepararem convenientemente, pois é do conhecimento do Conselho Tecnico da Liga que a maior parte dos nadadores durante o inverno, não tiveram treinos na agua, e simplesmente se teêm limitado, a exercicios de ginazio.

A que atribuir tal deliberação, da Liga?

Para assim se proceder, era necessario que há mais tempo os Clubs tivessem conhecimento do calendario da Liga, pois já teriam iniciado os seus treinos, e portanto, os seus resultados seriam muito melhores.

Não ignora o Conselho Tecnico da Liga, o desejo de alguns Clubs, que em epocas anteriores, se inscreveram em 2.as categorias, disputarem este ano, o campeonato de Portugal, mas tal deliberação, quasi inesperada, gravavelmente motivará que esses Clubs, continuem jogando na mesma categoria, visto já não terem tempo para treinarem convenientemente as suas linhas, a não ser que se apresentem numa forma que não corresponda á primeira categoria que jogam.

No entanto devemos dizer que concordamos plenamente que para futuro os campeonatos de Portugal de Water-polo, se efectuem durante o mês de Junho, e bem assim, concordamos, que os restantes campeonatos (corridas) se realizem nos primeiros dias de Outubro.

Era uma doutrina que talvez ficasse bem nos regulamentos da Liga e já se evitariam para futuro surprezas desta natureza.

* *

No primeiro domingo de Maio, devem realizar-se ao longo da Muralha da Junqueira, os campeonatos de remo inter-escolares.

Estão inscritas escolas superiores e secundarias.

A. MONTEZ

Antigo e brilhante atirador, campeão de florete em 1913 e 1914, campeão de sabre em 1916, 1917, 1918 e 1919. A. Montez uma das figuras de justo relevo no meio desportivo onde fora de geral admiração, ficando bem o seu retrato na nossa galeria. São inumeras as recompensas que tem obtido, lembrando-nos, ao acaso estas. Carta de Mestre atirador a 200 e a 300 metros. Premio de Honra em 1916, medalha de «O Desporto», finalista da taça Mont-Estoril, M.º Amaro, e Camara. Tendo feito parte da equipe dos jogos de Pershing, é [illegible] seleccionado para os campeonatos de Anvers e de Paris e [illegible] mais tarde o titulo de mestre atirador á pistola e ao revolver.

PELO ESTRANGEIRO

LAWN-TENNIS

Borotra, campeão da America em courts cobertos

O campeão francez Jean Borotra, que se encontra na America do Norte regulando os seus negocios, aproveitou a oportunidade para participar no campeonato norte-americano de lawn-tennis em courts-cobertos, realisado ultimamente em New-York.

O jogador francez em excelente fórma, foi iliminando sucessivamente competidores de valor, derrotando na final, Fred Anderson por 3-6, 6-3, 6-4, 6-0.

Desde a creação deste campeonato, é a primeira vez, que um extrangeiro consegue nele, triunfar.

NATAÇÃO

Arne Borg bate o record mundial da meia milha

O famoso nadador sueco Arne Borg, actualmente em tourneé nos Estados Unidos da America do Norte, acaba de se afirmar novamente o seu grande valor, num concurso realisado em Chicago.

Numa prova de meia-milha (804 metros), estilo livre, Borg conseguiu 10 m. 24 s. batendo o record mundial da distancia, que lhe pertencia, com 10 m. 36 s. 1/5.

Este tempo, ainda não é oficial, pois tendo sido realisado em 18 de fevereiro ultimo, só no proximo Congresso de Praga, será sujeito a homologação. O record oficial é ainda de 11 m. 9 s. 1/5.

O ENCONTRO SPORTING-BEMFICA

O grande desafio da tarde é sem duvida o encontro do «Sporting» e do Bemfica em Palhavã. Ocupando hoje, na gama dos nossos clubs, duas situações de absoluto destaque, os «leões» e os «vermelhos» vão bater-se por fim, fechando o ciclo do campeonato. O desafio marcará sobretudo, agora que a preocupação do estilo começa a dominar os nossos homens, pela forma do jogo, sabido que os «leões» mesmo que percam neste derradeiro confronto, não saem do seu lugar, ganho á custa de sucessivos pontos de victoria.

BOX

OS COMBATES DE AMANHÃ

Ha grande espectativa nos combates que amanhã se realisam no Coliseu. Alem dos encontros entre os estrangeiros Santo (Camarão) que se baterá com o francês Vernaut e de Kid Augusto que se defronta com Sourg Mars, temos, a sensation Crespo contra Nion. Apesar de se prever um resultado que não pode alterar a categoria de Crespo, espera-se que o encontro resulte vibrante pelos ultimos treinos especiais do portuense.

BREVEMENTE

a Novela do Domingo

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

Qué sumus pensatorum
E' lua aureum estropaço!
Qui est? — Replicorum.
Aleluia! Rei-Colaço!!!

PADRE LINO

Voto, e porque não?
Na actriz que é mais brejeira
E a quem chamava o Leitão
D. Auzencia d'Oliveira.

AF. COPOS VIDEIRA

De grossura de um carrie
E' de todas a mais gira,
Estelvina — a Mistinguette —
De Villa Franca de Xira.

ARTUR FRANCO

E' a mais formosa e mais fina
Seria sempre a mais doce
Passar malgre a Estelvina
Ou fosse lá o que fosse.

MIGUEL MARQUES DA COSTA

Sou mulher, mas mesmo assim
Meu voto tambem vou dar;
E' a Laura, cá p'ra mim
Quem deve o premio ganhar.

MARIA GABRIELA

P'ra que o coração te pulse
(Ai amor a quanto obrigas...)
Voto em ti meu bem que és Dulce
Sem receio das lombrigas.

UM GULÓSO

Vejo mulher de carinho
E pé de arroz côr de rosa...
— Como escolher, sendo assim.
De todas, a mais formosa?!
A mais linda, e, para mim,
A que fôr mais virtuosa.

JOSEPHUS

Laura, Laura, Laura, Laura,
Costa, Costa, Costa, Costa,
E' esta actriz a mais linda.
Eis aqui minha resposta.

FRANCINE

— Fiz uma aposta —
Quem é que gosta
Da Laura Costa?

Mas toda a gente,
E' evidente,
— Fula 'stou contente

Ganhei
Nela votei
Agora sei

Que vae votar,
Quem desejar
Vêla ganhar

FELIX

Pela Adelina o Pimenta,
Com mais profundo respeito,
Quer dos seus tenha oitenta
Ou apenas cincoenta,
Faz aqui o seu conceito

Beijá-la na sua idade
Senti-la no coração,
E' recar-lhe em saudade
A Beleza sem senão.

JERONYMO PIMENTA DE CASTRO

A mais linda e formosa
A mais seductora e brejeira
Para mim não há nenhuma
Como a Auzenda de Oliveira.

FRANCISCO PINTAINHO

No palco temos nós muitas belezas
Segundo tenho lido no «Domingo»,
Pois p'ra mim, das actrizes portuguesas
E' á Maria Alves que eu distingo!

EPHEMERO

De lili nas «Andorinhas»,
De odalisca em «Bellamor»,
Dulce D'Almeida é das minhas,
Voto nela sem favor

H. & C.

P'ra mim a mais linda actriz
A que é ninfa e que é nereida
E Dona Dulce D'Almeida,
Do teatro São Luiz.

UM DOUTOR

Vou votar na Laura Costa
P'ra responder ao concurso
Porque sem esta resposta
Fazia figura d'urso.

JOSÉ LENCASTRE

o momento teatral

Gastão Alves da Cunha é um actor. Sem escola, sem academias de processos, á rédea solta do instincto e da emoção — e que poderoso instincto! — as suas apresentações esporadicas e ocasionais tem sido sempre coroadas do mais ruidoso acolhimento por parte do publico, sobretudo um acolhimento de ternura pela sinceridade vibrante duma arte tão portuguesa e tão expontanea como a de Gastão.

Dentro em breve, Alves da Cunha, representará no novo teatro do Rato, onde ao pé de Palmira Bastos irá fazer uma grande figura do teatro popular: o «Marialva» da «Severa». Gastão Marca nesta «étape» da sua acidentada e indisciplinada existencia, talvez o começo do seu trabalho de arte serio e continuo. Oxalá assim seja que já é tempo.

noites de primeira

A semana teatral em meia duzia de linhas

A festa de Nascimento no Politeama foi uma noite de ternura para o publico. A «soirée» de D. Brites foi comprometedora. Sempre que aparecem assim em scena muitas vedetas, é o diabo... por causa das palmas. E' uma especie de aferição da popularidade e do publico que cada artista possue. Palmira Bastos que estava numa lindissima «toilette» verde, teve ocasião de ver que o seu publico lhe não falta ainda... Laura Costa que estava formosissima, cantou um fadinho muito terno.

Chaby, recitou pelo dicionario das seis linguas, naquela sua preocupação de mostrar que tem viajado muito. Amelia, que estava vestida com arrojo, fez os cantares galegos, com o exito de sempre e Alvaro de Almeida disse «chistes», começando toda a gente a reparar que está ali um comico.

Alexandre de Azevedo e Nicolino Milano, foram na canção e no violino dois numeros cheios.

ANDRÉ GODIM

Fui ao «Bric-Vac» e ainda
voltei ás «Onze Mil Virgens»
A Laura Costa é tam linda
Que até me causou vertigens

ZÉ REIS OXIGENADO

Se eu soubesse fazer versos,
A minha musa eu direi
Seria sempre inspirada,
Na bonita Amelia Rei.

Sempre que haja concurso,
Escusado é que eu não faça
O meu voto eu darei sempre,
A' Amelia Rei Colaço.

J. P. M.

Linda, linda tão gentil
De todas, mais feiticeira...
Nenhuma é tão veronil
Como Auzenda d'Oliveira.

SHELL V

Silencio! Silencio! — Agora
Que toda a gente defenda,
A Beleza seductora
Dessa encantadora Auzenda.

SHELL IV

Quem me dera ser actor,
P'ra no Mayer ter ensejo
De fazer scenas de amor,
Com a Laura... ela era queijo

A. G. J.

Quiz o «Domingo Ilustrado»
Num concurso original
Saber qual a actriz mais linda
Dos palcos de Portugal.

Para o concurso aí vai meu voto
E uma afirmação em força
A mais linda, a mais distinta
E' a Amelia Rei Colaço...

HERMANO

E's Dulce és bela és catita
São Dulces os teus cantares
Voto em ti se me jurares
Que só me amas de Ginjeira.

SEM SORTE

A mais linda é já talvez,
quasi escusado dizê-lo,
é a Laura da Revista
desde que cortou o cabelo

CARA LINDA

A mais bonita a meu ver
E com qualquer faço aposta,
Não pode deixar de ser
A «diveta» Laura Costa

ZÉQUITA

Apesar de ser mulher
mulher que sabe o que gosta
tambem desejo dizer
que a mais linda é a Laura Costa

MON AMY

Em Candiá és bela!
E embora te surpreenda
E' para «anemona» Auzenda
O voto dá,

A. PORTELA

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 12

Auzenda d'Oliveira	28	votos
Amelia Rey Colaço	10	»
Luiza Satanela	10	»
Laura Costa	22	»
Dulce d'Almeida	4	»

TEATRO NOVO

Vai abrir brevemente, a nova sala de espectaculos do Tivoli, cuja decoração é do arquitecto José Pacheco. Os scenarios do «Knock» duma extrema simplicidade decorativa, e na escola da moderna scenografia sintetica, são da autoria do pintor Leitão de Barros. A tradução da famosa peça de Jules Romains é de Fernanda de Castro.

Os melhores nomes da alta sociedade portuguesa e da diplomacia tomaram já as «primeiras» do Teatro Novo que será o grande centro de elegancia e cultura de Lisboa.

CONCURSO TEATRAL

Está encerrada a entrega de votos, indo nós agora proceder á respectiva contagem, e sendo proclamada num dos proximos numeros a actriz que maior votação obteve. Aos nossos estimaveis colaboradores pedimos desculpa de não publicar algumas poesias, por serem em demasia extensas para as exiguas dimensões do nosso jornal.

Brevemente tambem haverá no teatro a que a aludida actriz pertença, «um entre-acto», para entrega dos premios ao melhor poeta eleitor e á mais bela mulher que pisa os palcos portugueses.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, Ratoplan com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

Nacional — O abade Constantino com Chaby, e toda a companhia. Grande exito de sentimento. Enchentes.

S. Luiz — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos.
Grandioso exito de arte e elegancia.

Apolo — Fechado temporariamente.

Avenida — Fechado temporariamente. Brevemente estreia da companhia Maria «Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — O grande exito «Mariarota» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara. Toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Trindade — Tangerinas Magicas — feeries e revistas, grande magica de Eduardo Garrido Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

Coliseu — Fechado temporariamente

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

a corista que foi para o Brazil

— Como se chama?

— Luiza! E o senhor?

— Jorge! Acha feio?

— Não, não acho! E' até um nome muito bonito!

Meu Jorge, é uma frase que se diz bem!

— Parece-lhe? Pois até hoje ninguem me chamou assim!

— Ora!

— Garanto-lhe! Eu nasci feio, a vida tornou-me macambuzio, isolado, triste. Não sei dizer palavras desnecessarias! Acredite, ha duas semanas que aqui venho para a vêr passar quando sae do ensaio e só hoje, depois de muitas tentativas, é que consegui vencer o meu acanhamento e falar-lhe!

— Ora! Quer dizer que naturalmente não percebeu que não me era indiferente?!

— Não! Mas tenho tanto medo de ser ridiculo... A menina é do teatro, está com certeza habituada a uma vida alegre, descuidada, feliz. Eu, não passo de um borgêsso...

— Não diga isso!...

— Então dá-me licença que a venha esperar logo, no fim do espectaculo?

— Pois sim!

— Olhe, espero-a aqui, neste mesmo logar. A' porta do teatro, as suas companheiras podiam talvez achar... um pouco divertido?

— Como quizer!

— Então está combinado?

— Combinado!

— Adeus, Luiza!

— Adeus Jorge!

* * *

Era na manhã do segundo dia em que acordavam os dois, muito juntos, muito amigos. Ele, docemente despertou-a beijando-lhe os olhos.

— Luiza! Minha Luiza!

Ela entreabriu as palpebras pouco a pouco, amedrontada pela claridade que inundava o quarto pondo nos pequeninos *bibelots* da *toilette*, relampagos de scintilações.

Jorge beijou-a demoradamente, afagou-lhe os cabelos num gesto de caricia prolongadamente, gosando a brandura do gesto. Depois, erguendo-se um pouco, segredou-lhe.

— Escuta, meu amor! Eu queria dizer-te uma coisa! Ha trez dias que ando com vontade de t'a dizer, mas...

— Conta, meu Jorge, conta!

— Olha Luiza, tu sabes que eu não tenho familia, nem amigos, nem ninguem!

Tenho vivido isolado, sempre enjaulado na mudez cruel do meu quarto, vasio de alegria, sem um unico sorriso na vida, tristemente! Tu não sabes Luisa o que é viver sosinho, sem ninguem ao nosso lado!

— Meu Jorge!

— Não vás para o Brazil, peço-te! Deixa-te ficar comigo em Lisboa! Viveremos um para o outro, muito amigos, muito juntos sempre!

Eu sei que estás habituada a uma vida fugidia, barulhenta, cheia de surprezas e por isso talvez não comprehendas o pedido que te faço, mas peço-te Luiza, pensa um bocadinho! Sê minha amiga! Não te posso dar é certo o que a tua ambição deseja, mas se tu fôres minha amiga, se gostares um bocadinho de mim...

— Mas Jorge, bem sabes que eu tenho um compromisso com o empresario!

— Quizesses tu! Fica a meu lado! Por agora faremos uma vida mais modesta, mas ao pé de ti, trabalharei muito, esforçar-me-hei quanto poder e dentro em pouco, teremos a nossa casa, a nossa casinha, muito alegre,

muito tranquila, cheia de festa, cheia da tua alegria Dize, Luisa! Responde!

— Sim!

— Queres?! — perguntou Jorge alvoraçado —

— Quero!

— Minha querida Luiza! — e Jorge beijou-a ternamente, longamente, num beijo muito grande.

* * *

A lembrança do *outro* torturava-o. De quando em quando ela aproposito de qualquer recordação, citava-lhe o nome que Jorge trazia sempre á frente dos olhos numa obcessão constante.

O *outro!* Ela ainda se lembrava dele! Por duas ou trez vezes, Jorge tinha sabido que se escreviam e, sem querer dar a conhecer a dôr que o torturava, mentindo, fingindo que acreditava nas explicações que ela lhe dava, Jorge sofria horrivelmente. Muitas vezes, de noite, enquanto ela dormia com a cabeça encostada ao seu peito, ele levava horas e horas a pensar.

Talvez que estivesse sonhando com o *outro*, com aquele que lhe batera, que lhe fizera conhecer vicios, que a torturava com scenas propositadamente estudadas, que fizera da sua alma uma flôr de pecado, que a habituára a uma vida de constantes desiquilibrios, de falsos protestos de amôr, de desvairados costumes! Era no *outro*, sim, que ela pensava quando Jorge a apertava nos braços! Era para o *outro* que ela dizia aquelas palavras amorosas das noites felizes, e talvez ele não fosse mais do que um palhaço que Luisa agitava para chamar a atenção do *outro!*

E estes pensamentos escaldavam-lhe o cerebro, punham-lhe os nervos em brasa e só tarde, quando a luz fraca da madrugada entrava de manso pelas frinchas da janela, Jorge conseguia dormir.

A's vezes, não podendo esconder mais a tortura que lhe queimava os sentidos, arriscava:

— Dize Luiza! Eu não fui mais que o teu medico, não é verdade?!

— Medico? Não entendo!

— Sim, eu sirvo-te apenas para te ajudar a esquecer o *outro!*

— Doido! Julgas que se não gostasse de ti que vivia contigo!...

E Jorge, procurava não mostrar no rosto a incerteza cruel em que ficava a sua alma de abandonado.

* * *

— Mas tu linhas dito que não ias ao Brasil!

— Mas bem vês, Jorge! E' melhor que vá! Acredita que não vou lá arranjar ninguem! Não, gosto de ti e quero viver contigo! mas quero ir ver, quero ir viajar! Demais, são só seis mezes e isso depressa passa! Tu tens cá muito juizo, eu escrevo-te em todos os vapores e á volta unir-nos-hemos para sempre! Está combinado?!

— Mas...

— Mau, não comeces com isso! Já te disse: Quero ir viajar!

— Mas é que tu Luiza, não sabes o que é ficar-se sosinho!

— Ora! São só seis mezes!

— Ha trinta anos que vivo só, Luiza! Sei bem como são amargas para alguns, as horas que os outros passam sem dar por isso!

— Fica então combinado! Eu vou, e tu arranjas tudo para á volta ser-mos felizes! Muito felizes! Vá dá-me um beijo! Não quero desses! Quero dos outros que tu dás! Daqueles muito grandes!

* * *

O dia da partida aproximava-se. Jorge tentava aparentar uma grande indiferença por esse dia, mas silenciosamente sofria muito; o seu orgulho antepunha-se á dor que o dilacerava, a sua vontade de não querer mostrar, mais lhe queimava em dolorosas feridas o coração amargurado.

Bem sabia ele que uma vez Luiza no Rio de Janeiro, seria outra, a que verdadeiramente era e que ele se esforçava por não querer vêr. Lá, de cambulhada com as outras, seria mais uma como tantas, como tinha sido até o encontrar! Sim, tinha disso a certeza! Apaixonar-se-hia facilmente por outro, naquele habito adquirido do amor facil e inesperado.

E ele ficaria de novo sosinho, entregue ao seu tormento, sem ter sido comprehendido e comprehendendo que nunca o poderia ser! Ele sabia bem! No primeiro vapôr viria uma carta cheia de saudades, muitas saudades, longas promessas. Depois viria outra com desculpas de falta de tempo para escrevêr e dahi a um mez, nem sequer o seu nome acudiria á lembrança de Luiza que nos braços de outro, diria as mesmas palavras que lhe tinha dito, trocava os mesmos beijos que com ele tinha trocado! E no entanto, procurava não aparentar que todo este turbilhão de pensamentos crueis lhe enchia o cerebro e ia combinando uma longa noite de despedida, muito apaixonada, muito dolorosa para a sua pobre alma.

* * *

Foi na vespera da despedida.

Escurecia já, quando ele entrou no quarto, aparentando uma grande alegria.

— Que tens Luiza! Porque estás tão triste?

— Nada! Não tenho nada!...

— Tens sim! Conta! Dize!...

— Estou triste!...

— Porquê? Por partires amanhã? Mas não foste tu que quizeste?

— Não, não! Não é por isso?

— Então?...

— Estou aborrecida...

— Nada! Tens qualquer motivo? Dize lá qual é?

— Pois bem, sim tenho! Recebi um telegrama dizendo que minha irmã chega hoje para se despedir de mim!

— Tua irmã?! E por isso estás triste?

— Não é a minha irmã! E' a minha mãe!

— E não queres que ela me veja?! Está bem!

— Não! Tambem não é ela! E'... é o *outro!*

— O?...

— Recebi um telegrama e não sei o que hei-de fazer!

— Mas... como soube ele que partias amanhã?

— Leu... leu no jornal, naturalmente! No jornal?

— Sim! Quer dizer, fui eu que lhe escrevi a despedir-me dele!

— Oh! — Jorge sentiu como que a impressão de uma enorme descarga electrica. Os seus nervos tiveram uma vibração horrivel, sentiu que os olhos lhe iam rebentar em lagrimas de fogo! Era a verdade, a cruel verdade que ela

durante mezes escondia de si propria! Era, a realidade da sua desdita, posta ali a nu, num requintado gesto de maldade!

— Para que me mentiste!? Não te pedi tanta vez que me falasses verdade!?

— Mas...

Numa decisão brusca, sentindo que um segundo mais seria bastante para abater todo o seu orgulho deante daquela mulher tão vulgar, Jorge saiu descendo a escada rapidamente.

(Contin. na pagina 7)

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

uma noite entre os homens da legião vermelha

Uma ponta de cigarro que arde — «maquillage» ao ar livre — Ultimas paginas de Rocambole... em edição barata. Anarquismo, Comunismo, Socialismo, bolchevismo e barriguismo. Capitulo em que se prova como um jornalista arrisca o pelo, a troco duns tostões...

DERAM sete horas quando cheguei do Estoril e fiquei no Caes do Sodré, entre a gente que pejava o largo. Eram tranquilas familias burguezas que aproveitavam o primeiro domingo de sol para abancarem nas praias do rio, grupos de rapazes de regresso dos desafios de foot-ball, militares felizes com a sua dispensa do recolher no bolso e «tutti quanti» em Lisboa, com dez mil reis livres no bolso quer gosar a extravagancia dum capilé na explanada do Dafundo ou o pacote sêco e classico dos palitos de Oeiras com as sopeiras, nas aleas de Algés...

* * *

Massado atirei-me para um banco do Royal, e estiracei-me a fumar. Em torno de mim, duas «borboletas» caiadas a vermelho desafiavam inutilmente, entre «grogs», um inglês meio bebedo, tostado como uma cenoura onde crescessem barbas de milho.

Descalço, esfarrapado, como um tragico molho de farrapos, a barba empastada e hirsuta e um pé inchado sob ligaduras imundas, um velho, ondulante e incerto, abordou o quiosque fronteiro. Bebeu dum golo a «ginginha», limpou tranquilamente a boca á manga, e arrastou-se até ao pé de mim:

«Alguma coisa para um operario desempregado...» Olhei-o de cima a baixo, em silencio, mas o homem fixando-me os olhos com dureza, repetiu: Dê-me alguma coisa!

— Se tens fome manda vir um pão que eu pago, murmurei.

— Quero dinheiro antes...

— Queres beber?

O homem encolheu os ombros, voltou-me as costas, baixou-se para apanhar a ponta de cigarro ainda acesa,

e já mais afastado, sem me olhar, somorno, blasfemou: Canalhas...

* * *

Levantei-me e segui-o.

Ao dobrar para a Ribeira Nova, toquei-lhe nas costas. Voltou-se logo: O que é que quer?

— O que é que disseste?

— Deixe-me!

— Vá homem! Ninguem te faz mal. Eu tenho dó de ti.

Toma estes cigarros e fuma á vontade, disse-lhe eu passando-lhe o maço de «cremes» para a mão. Tu não tens trabalho...

— Sei lá ha que tempos... Anda a gente ahi aos encontrões... mas o senhor se calhar é da policia...

— Da policia?! Estás doido, fiz eu com o espanto mais natural, eu ando... e puchando-o para um vão do Mercado, no escuro, dando á voz uma dessas inflexões de actor barato, balbuciei: Eu ando no roubo dos barcos, meu estupido... podes-me ser util, preciso de ti...

— Ah! bem sei... o sr. é da campanha do Simas?

— Sou sim, disse eu sem saber o que aquilo queria dizer.

— Mas isso agora não deixa nada. Pois eu sou irmão da Isaura, a preta, sou do mesmo pae, mas para que me quer vocemecê?

— Já te explico...

* * *

Do Estoril eu tinha vindo irritado e aborrecido. As entrevistas politicas tinham falhado todas: o Antonio José d'Almeida, muito amavel, oferecera um chá mas não dissera uma palavra. Em compensação Bernardino Machado falára muito, mas sem adiantar coisa alguma.

João Chagas estava doente, e as colunas do jornal do dia seguinte, apareciam-me vazias de todo. Um expediente cruzou-me o cerebro: o «Diario de Lisboa» enchia duas colunas com a Legião Vermelha, e eu tinha seguras indicações de que era nas terras da Ribeira nova, e numa taberna dos Remolares, que a maior parte dos homens se reuniam, discutindo em surdina os seus planos de assalto. Este homem ir-me-hia servir á maravilha.

O que pretendo de ti? Vais ouvir? E arrastei-o para um banco do Jardim da Praça D. Luiz, imerso na maior escuridão...

Tu vais ficar aqui neste banco, com o meu casaco, e eu levo o teu fato e o teu barrete. Entendido?

— Mas para quê?

Eu cá me entendo. Vá, toca a despir-te. Ganhas «cinco paus». Os «gajos» reunem-se hoje aonde?

Esqueci-me de lhes perguntar!... á tarde. Sabes onde é?

— Mas então para que quer vocemecê o disfarce?

— E' por causa do guarda fiscal, se me vê passar assim, desconfia.

— Pois eles ajuntam-se ali atraz do armazem, na praia. Vai bem pelas cancelas do barracão... Vá sr. as calças, agora o casaco — e o homem, ficou semi-nu no banco, coberto com a minha gabardine, emquanto eu corria, no extranho disfarce, á luz bruxuleante dos arcos voltaicos, pelo Aterro fóra...

* * *

Por detraz do grande barracão fiscal, empoçam-se os detritos de todo o mercado. E' tudo uma imundice pegada e sordida, um monturo onde a ultima valeta da cidade escorre, a valeta dos desgraçados sem lar nem albergue, o acampamento mais terrivel de miseria que jamais se viu. O ar é nauseabundo e infecto. Entrei no recinto, escuro e tragico, com a respiração presa. Estendidos pelo chão, mulheres e homens, barbaros e lazaros de todas as podridões, estiraçavam-se em todas as degradantes promiscuidades, e em torno a uma mesa tosca no recanto duma barraca onde ardia o panelão daquele banquete de comuna, um grupo em surdina — *a Legião Vermelha!* — discutia e projectava. Simulando uma embriaguês perdida, atirei-me de bôrco sobre um monte de estrume e fiquei, opreso e ofegante, a escutar a espantosa assembleia...

* * *

Falava um homem alto e magro, e os outros escutavam-no religiosamente:

— «Quem trair o que lhes acabo de dizer já sabe a sorte que o espera. Agora a distribuição do serviço faz-se como eu mando, porque eu é que sei o que pode cada um.

«Em nome da guerra eles *mobilisaram* tudo. Nós temos o direito de *mobilisar* alguma coisa, para o progresso da humanidade e para a emancipação do homem...

E, correntemente, sem exitar, como se repetisse um papel já decorado, atirava os lugares comuns dos discursos comicieiros. Depois, dirigindo-se a um rapazola dos seus quinze anos: Oh! Manuel, tu tens já o material. E tu Chico, se queres comer tambem tens que fazer alguma coisa — falaste ao condutor dos electricos por causa das cedulas?

— O homem não quis?

— E quantas passaste?

— Vinte mil reis na venda dos jornais...

— Hasde ir longe..., meu * * *, fez o homem. Vamos agora ao mais importante. Já caíram na rêde, quinze dos nossos... precisamos ter muito «olho». A Cascalheira anda toda batida e nas Furnas ainda é mais perigoso. Tenho o refugio de Almada, em ultimo caso vê se podes ir para ali — mas ai daquele que m'o faça perder!

Nisto, subitamente, o homem calou-se. Fixou o monte de estrume onde eu me encontrava.

— Quem é esse «gajo»?

Senti que a luz duma lanterna incidia sobre mim, e um pé, sobre as costas procurava voltar-me. Fingi-me acordado.

— Olá, o que fazes ahi?

— Naturalmente o mesmo que tu, meu bêbedo... e levantei-me, aos bordos, cambaliando. O grupo em silencio olhava-me — e eu meti á R. 24 de Julho. Ao dobrar a esquina uma pedra zeniu como uma granada aos meus ouvidos. E' um espia — bradavam. Corri. Em dois minutos no escuro do jardim, eu acordava o mendigo que me esperava e retomava o meu fato. Os homens perseguiam-me já, entre os arbustos. Corri mais. Um tiro soou. Senti correr a patrulha da guarda no Largo de S. Paulo, e eu tomei, tranquilamente um electrico Brazil-Alecrim...

O Reporter Misterio

UMA CORISTA QUE FOI AO BRAZIL

(Continuação da pag. 6)

— Então sr. Jorge, não foi despedir-se da Luiza?

— Não podia ir, estava lá *outro!*

— Estava, estava que eu vi! Andaram sempre agarrados, muito agarradinhos!

— Sim?! Ainda bem! — e Jorge a cada detalhe sentia uma lamina em braza abrir-lhe mais umaferida no coração — Creio que ela não ficou em casa a noite anterior!

— Não ficou, não, senhor Jorge! Se visse como ela foi para bordo! Com uma cara que metia medo e até teve de pôr o *cache-col* para não se verem as marcas...

— Sim... sim...

— Andaram sempre aos beijos que até toda a gente reparou! Pelos modos ela combinou que quando voltasse, ia viver com ele!

— Faz bem...

— E olhe que nem perguntou por si! Ele é que disse se o senhor Jorge não ia a bordo!

— Gentilezas...

— Bem, adeus senhor Jorge e quer um conselho? Mulheres não faltam! Aquela não o merecia! A Luiza só gosta de quem lhe faz *fitas!*

* * *

Quando Jorge recolheu ao seu quarto, ha muito que era dia. Os visinhos ficaram espantados de o vêr aos bordos, embriagado.

JOÃO FALEIRO

A novela do DOMINGO

Estão desacreditadas em Portugal as edições das pequenas novelas. Como se explica esse facto, sabendo-se que em Espanha se tiram centenas de milhares de novelas de varias edições, e que tem um publico infinito em todas as camadas sociaes? Pela razão seguinte: as nossas novelas, no tipo de Novela Sucesso, etc. eram demasiadamente literarias, e não tinham o sentido do publico a que se dirigiam.

O DOMINGO ilustrado vae lançar uma nova e interessante publicação

A novela do DOMINGO

onde aparecerão

NOVELAS HUMORISTICAS

NOVELAS SENTIMENTAES

NOVELAS DE AVENTURAS

assignadas pelos maiores nomes.

A novela ligeira, leve, que faz sorrir, que entretem, que enche uma pequena viagem de electrico ou de comboio, que é a manhã duma praia, ou a tarde tranquila duma quinta. A novela do jardim publico, que o estudante, o militar, o comerciante, o professor, emfim todos, lerão porque tem

PITORESCO! SABOR NACIONAL!

INTERESSE!

GRAÇA! NOVIDADE!

BREVEMENTE

A novela do DOMINGO

La Rosa desabrochando ou os calções rotos — Simão da Veiga e Ricardo Teixeira — Vento e frio

DEPOIS da minha longa ausencia de critico taurino, motivada pela suspensão do jornal *Republica*, onde desde o seu inicio eu tenho á minha responsabilidade a reportagem d'aquele assunto, volto *interinamente* á liça, no *Domingo Ilustrado*, continuando a manter como sempre a maxima imparcialidade e escrupulo na critica justa e rasoavel, ou aspera e severa quando seja necessario, porém, sempre na defeza do divertimento mais tradicional que passo a passo, ou antes a passos agigantados, excepto na lide equestre, vae declinando por culpa dos que mais teem a perder com o seu provavel desaparecimento.

Não me permite a falta de espaço e o tempo que não me sobra, entrar em considerações que a seu tempo as farei, limitando-me apenas a fornecer aos leitores do *Domingo Ilustrado* que tiveram a felicidade de não assistir á ultima corrida no Campo Pequeno, o que foi, ao correr da pena, a inauguração oficial da presente epoca nesta praça, com a apresentação, pela primeira vez em Portugal, do já celebre *diestro* Juan Luiz de la Rosa.

A tarde fria e muito ventosa não permitiu que a lotação enchesse, vendo-se as bancadas de sol com algumas falhas, as de sombra com bastantes logares vagos e os fauteuils e camarotes quasi abandonados.

A materia prima — os touros — comprometeu a firma Terré, tanto na apresentação *minuscula*, quanto á sua bravura, exceptuando dois que cumpriram, o que é bem pouco para uma corrida como essa, de tão serias responsabilidades.

No toureio a cavalo, a cargo de Ricardo Teixeira e Simão da Veiga (filho) sobresaiu este em valentia e muita equitação, cravando entre outros, dois ferros de multissimo valor. Ricardo Teixeira, cravou alguma ferragem que lhe valeu aplauso, sendo um *á tira*, de grande mestre.

Dos nossos toureiros, salientaram-se Custodio Domingos, Agostinho Coelho e Carvalho que a assistencia aplaudiu com justiça.

Os forcados desunidos e *talvez* valentes, fizeram duas bôas pêgas, uma de *cernelha* e outra de *cara*, que saiu bem *caro* a alguns do grupo.

Agora vamos ao espada: Juan Luiz de la Rosa, que vinha precedido da maior fama do nosso visinho paiz, teve a fatalidade ao sair para a lide do seu touro, de se lhe descoser o traseiro dos calções, ficando em *estado* pouco decente de se manter naquela situação.

Enquanto a banda de musica executava um trecho musical, o diestro foi envergar umas calças de ganga e assim iniciou o seu toureio valente, e mais luzido com certeza se o touro fosse melhor, o vento não soprasse tão forte e as apertadas calças não lhe tolhessem os movimentos tão necessarios para o trabalho de bandarilhas e muleta.

Em outra ocasião com melhores touros, menos vento *e calções menos comprometedores*, poderemos talvez apreciar do seu valor, de que deu bastas provas quanto em valentia e elegancia, predicados bastantes para um toureiro do quilate de Juan de la Rosa.

E até domingo.

ZÉPEDRO

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, 4.º

PROBLEMA N.º 13

Pelo dr. Teofilo Torres (Brasil)

Pretas (6)

Brancas (14)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

A solução do Problema n.º 11 Solução do autor:

1 — B 4 C / B 4 T; 2 — D 5 B D + / B joga; 3 — B mate

Infelizmente o Problema é demolido por uma segunda solução que alguns dos solucionistas encontraram

1 D 3 C D +

Resolveram os Problemas n.os 10 e 12 os srs. [illegible] mardona, Mota Ribeiro (Porto), Tenente Carlos [illegible] (Tomar), Jorge Pereira, J. Manuel Pires (Portalegre), Beja e Souza, Sucleo da Silveira, Afonso Monteiro, Capitão Elias Garcia (Faro) e Sequeira Ramos.

—

Terminou o valioso torneio de xadrês do Gremio Literario. Entraram 34 jogadores. Os mais classificados foram:

Dr. Mario Pereira Machado 33 partidas ganhas, 1.º premio; Antonio Maria Pires, 30, 2.º premio; dr. [illegible] Maria da Costa 30 1/2, 3.º premio; dr. Antonio [illegible] 28, 4.º premio; Carlos Neurelion 27 1/2, 5.º premio; [illegible] Dames Mota, 25, 6.º premio; João de Souza 24, 7.º premio; Eduardo Pelen, 23 1/2, 8.º premio; Domingos [illegible], 23, 9.º premio; Martinho da Rocha, 21, 10.º premio; Javier Perez de Acevedo, 20 1/2, 11.º premio; Francisco de Mendonça, 20, 12.º premio.

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

FIFI-CORK — A dôr do cotovelo é uma dôr abstracta que tem por unico remedio o tempo. E' assim uma especie de dôr de dentes que dá na alma e não se faz sentir nem no cotovelo nem na testa. Produz uma especie de engulho no estomago e digo-lhe que é peor que uma camada de bexigas loucas. E eu que lh'o digo... A côr das ligas varia conforme o uso que se pretende dar ás mesmas.

PNEUTEAREAS — Dirão que V. Ex.ª e sua Ex.ma filha não podem andar sem viola, que é como quem diz sem acompanhamento.

PAPO SECO — Para arranjar mulheres ha muitas maneiras; eu lhe indico as mais praticas:

Aprenda a dançar fox-trots, tangos, maxixes e o resto da fauna bailariqueira. Faça-se descarado e parta do principio de que são todas eguais por dentro.

Diga brutalidades, pregue mentiras e sempre que possa faça scenas de ciumes. Se misturar uma bofetada de tres em tres dias, tem mulher para toda a vida.

UM MAÇADOR — A terceira cidade do País ainda não existe. Em Portugal começámos pelo fim. Lisboa que é a melhor é a setima. Já vê pois que ainda faltam mais quatro para chegar á terceira.

FLAURENTINO — Primeiro é preciso saber a força motriz das cinco donzelas. Depois regular o combustivel e por fim distribui-o de comum acordo.

Se eu estivesse mais perto oferecia uma ajuda mas assim... Olhe, se não poder sosinho, vá á Praça Carlos Alberto e peça uma ajuda ao *Portuense*...

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

H — Prof. Haity

RUA D. PEDRO V, 18 — LISBOA

O Charadista

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

ZARITA
VIOLETA

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 11

Decifrações do numero passado:

Enigma: Meda, Adão
Charada em verso: Carapela.
Charadas em frase: Limonada-Vatapau
Enigma pitoresco: O cão que defende a porta é fiel.

—

CHARADAS EM FRASE

E branca a aurora, ou cinzenta 1—2—3.

REI FERA

Nota a prudencia deste povo antigo — 1—2.

NÊNÊ

ENIGMA

Das letras do A B C
Sete delas bimareis,
Escolhidas, já se vê,
Que no fim a juntareis.

Sétima com a terceira,
Que com quarta acabará,
Dá-nos mestre de primeira
que a todos ensinará.

Depois da sexta mais quinta
Segunda e prima na frente,
Com o lapis ou com tinta,
Diz o mesmo exactamente.

Assim as sete letrinhas
Um poucochinho de sorte,
Vêr-se-hão muito mudinhas
Da outra banda do norte.

ZARITA

ENIGMA PITORESCO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redacção ou á Rua Aurea, 72, Lisboa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem enviar todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

pagina feminina

Carta de Paris

As nossas blusas

D «tailleur» de meia-estação, que continua sempre a ser muito usado, é inseparavel da blusa e obriga-nos a tratarmos dele. A sua fantasia aparece-nos actualmente sob muitos e variados aspectos.

As blusas fazem-se meio-compridas ou muito compridas, formando estolas ou abertas do lado, sobre «panneaux» plissados. Umas são em desenhos futuristas, outras em cretonne, em seda ás flores. Outras ainda são inteiramente cobertas de motivos especialmente estudados para a sua confecção, de tal modo que a blusa parece ter sido tecida para a «silhouette» que ella cobre. Estas blusas, em motivos ricos, são duma maravilhosa beleza, tanto mais quando são realçadas com alguns bordados de metal, cujo brilho valorisa imenso o conjuncto.

As guarnições em «lingerie» dão a estes vestuarios praticos uma nota de elegancia encantadora. Muitas são de tecidos leves e maleaveis, de crêpe, de crépon, de linon, de mousseline, cortadas de pregas, de entremeios, de folhos, de bainhas abertas, de finos bordados.

Estes trabalhos minuciosos contribuem para a perfeição do conjunto, mas é necessario não esquecer o cuidado de conservar um estilo simples, um aspecto sem aparato ou ostentação.

Os «tafetás» escocezes e quadriculados fornecem blusas de fantasia lindas, cujos coloridos se harmonisam com o «tailleur».

Os adornos

A «toilette» não é o unico atrativo da seducção feminina; ha tambem todos os amaveis adornos que, sob a forma de luvas, de calçado, de joias, de «bibelots», de sacos, de perfumes, têm o encargo de a realçar e de a apresentar sob um aspecto muito favoravel.

As luvas trazem-se curtas, com o pulso guarnecido dum fôlho, mais ou menos complicado. Com a manga aberta, usa-se tambem a luva curta, como se se receiasse esconder os ricos aros de pedrarias e de oiro que tilintam ao longo do braço. Estas luvas são brancas, cinzentas ou pretas, com o punho em côr diversa.

Os sapatos fazem-se sobretudo em antilope ou camurça, em todos os tons naturaes de pêle; formam á frente trez estreitas «barretes» com cautchouc de lado. Menos fivelas e outros adornos de bijouteria, apenas pequeninos motivos em forma de botões ou guisos. Para o verão substituir-se-ha o polimento, demasiado quente, por «chevreau» glacé, muito fino e maleavel.

As meias, sempre em seda, são de côr média; os tons muito claros são menos preferidos e menos elegantes.

A joia á moda é o colar de perolas de côr, a condizer com o vestido. Belo acessorio lançado ha pouco por um grande costureiro de Paris. Tem-se um colar rosa, azul, verde, vermelho, malva, oiro, como o vestido, colar muito comprido que se enrola duplamente, uma volta mais pequena, outra grande, chegando até á saia.

O saco, dentre os acessorios femininos, é coisa de que uma elegante gosta de possuir varios exemplares. Ha actualmente, para estes sacos, um fécho, comodo e rapido, que é muito apreciado. E' composto duma fita metalica disposta ao longo dos dois bordos. Um golpe sêco e o fécho abaixa, deixando o saco aberto; outro golpe em sentido inverso fecha o saco hermeticamente.

O linguado

Uma das coisas que nem todas as senhoras sabem perfeitamente é comprar peixe. A' miudo são enganadas, comprando peixes ordinarios ou pôdres, por peixes bons. Um dos peixes que, pelo seu preço e por outros motivos, é muito corrente haver embustes, é o linguado.

Todavia, este peixe de luxo tem caracteres especiais que o fazem distinguir facilmente dos outros.

Ha diversas qualidades de linguados. Mas, em regra absoluta, não se deve comprar este peixe quando é muito espalmado, pois a sua carne, nesse caso, é dura e filamentosa. Para sêr de bôa qualidade, o linguado deve ter uma carne espessa.

Devem preferir-se os linguados chamados «loiros» e que são de côr de café com leite, e não aqueles cujo costado é cinzento. Em qualquer caso, o ventre dum bom linguado deve ser dum branco levemente amarelado, côr da nata do leite. Se esta pele fôr azulada ou avermelhada, não se deve comprar.

Não se deve egualmente comprar o linguado quando ele está cheio de ovos, pois nessa altura a sua carne, como a de todos os peixes nesse momento, é de qualidade muito inferior.

A queda do cabelo

E' sabido que o outomno e a primavera são as duas epochas em que cae mais o cabelo. A razão disso é muito simples. Todavia, não ha aqui espaço para a explanarmos, pois teriamos de entrar em numerosos pormenores. O principal motivo dessa queda do cabelo, áparte raras infecções especiaes, é a seborreia, oleosa ou sêca, do couro cabeludo. E para isso ha um tratamento muito facil e que dá os mais seguros resultados.

Se se tem grande oleosidade no cabelo, caspa pegajosa, etc., é necessario lavar bem a cabeça, o maximo de 8 em 8 dias. E' preciso lava-la com «Champô Marya» e não com outro qualquer, porque este preparado é o unico do mercado cuja composição obedece a uma formula scientifica dum grande especialista francês. Os outros champôs, em pó ou liquidos, não passam dum pouco de sabão vulgar, e ás vezes bem ordinario, que estraga o cabelo em vez de o beneficiar. Depois da lavagem todos os dias deve-se empregar a «Loção Marya», que é um tonico especial, contendo ingredientes recomendados por medicos. Não é uma destas loções que os barbeiros impigem como maravilhas e que não passam dum pouco de alcool e agua perfumada.

Se se tem o cabelo demasido seco, caspa seca caindo como neve, etc., então deve fazer-se só uma lavagem com «champô Marya» e mais nada. E todos os dias deve empregar-se o «Petroleo Marya», que é preferivel a todos os congeneres estrangeiros, não só pelo seu preço, muito mais barato, mas porque é preparado com escrupulo e contem o que é necessario para dar ao couro cabeludo a untuosidade necessaria, e portanto beneficiando o cabelo e dando-lhe força e tonicidade.

Para acabar

O escriptor francez bem conhecido, Maurice Donnay, costuma passar no campo a maior parte do ano. E sucede que quasi todos os dias tem hospedes que o vão visitar e têm de dormir na magnifica vivenda. Ha tempos coube a uma senhora, escriptora distinta que, estando alí de visita, deixou passar a hora do comboio e teve de pernoitar na casa.

Quando o dono da casa a foi acompanhar á porta do quarto dos hospedes, perguntou-lhe naturalmente:

— Que costuma tomar pela manhã? Chá, café, chocolate . . .

— Tomo o que V. Ex.a tomar; é-me indiferente, respondeu a senhora.

— Nesse caso, disse Donnay tranquilamente á creada, você traz amanhã de manhã a esta senhora, duas colheres de oleo de ricino...

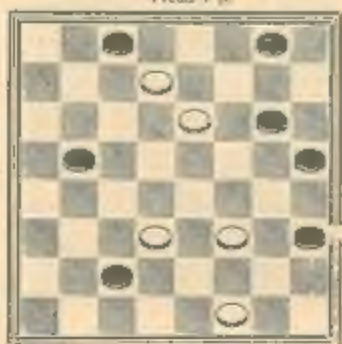
CELIMÈNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 12

	Brancas	Pretas
1	21—25	30—21
2	4—8	12—3 (19)
3	21—26	1—10—17
4	25—30	16—3
5	30—10—2—15—[illegible]	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 13

Pretas 7 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 12 os Srs. Abrantes e Silva, Armando de Campos, Artur Santos, Eugenio Lopes, José dos Santos, J. Manuel Pires, Dr. Kihil, Raul Machado e Soeiro da Silveira.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardoso.

CONFERENCIAS

A União Intelectual Portuguesa vai promover semanalmente, no salão nobre do Teatro de S. Carlos, uma série de conferencias importantes por algumas das figuras mais gradas da nossa mentalidade.

Viana da Mota e Francisco de Lacerda fazem a primeira conferencia, que terá lugar depois de amanhã, 21 e versará sobre o compositor Bach.

A esta seguir-se-hão conferencias por Reinaldo dos Santos, Francisco de Lacerda, Jaime Cortesão, Joaquim Manso, Agostinho de Campos, Carlos Selvagem e Aquilino Ribeiro.

BREVEMENTE

A novela do DOMINGO

Actualidades gráficas

EDUARDO BRAZÃO em estado grave

ACTUALIDADES NO CINEMA

JACQUELINA BLANK, a deliciosa ingenua dramatica, esperança da cinematografia franceza interprete deliciosa do super-film «Mandrin».

Deu-se como moribundo o eminente artista Eduardo Brazão, e logo centenas de pessoas correram á sua residencia a informar-se do seu estado. Felizmente o creador inolvidavel do "Marquez de Villemer" e do "Cardeal", complexa e profundissima compleição artistica, tinha resestido e recebia as visitas conversando. Apesar do seu estado grave, as suas melhoras acentuam-se, felizmente.

ACTUALIDADES NO CINEMA

PAUL GUIDÉ, o elegantissimo galã francês no cine-romance «Mandrin», exito do «Condes»

BENEMERITO

JOSÉ LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA, enfermeiro-chefe do Banco do Hospital de S. José, onde presta serviço com inumeros louvores, ha 35 anos. Recentemente foi condecorado pelo seu comadante o senhor Branco Martins, com a medalha de ouro, de dedicação profissional.

TEATRO NOVO

FRANCISCO JUDICIBUS, actor de merito e um dos organisadores e constructores do novo teatro Joaquim de Almeida que abre brevemente.

LA GOYA, a famosa e notavel cancionista hespanhola que vem expressamente a Lisboa, para a festa de arte no Teatro de S. Carlos, na qual se representa um original novo do moderno e distinctissimo jornalista Norberto de Araujo.

CASIMIRO TRISTÃO, artista distincto, que com Judicibus foi a alma do empreendimento que dotou o bairro do Rato com a sua nova sala de espectaculos, o Teatro Joaquim de Almeida.

PUBLICIDADE

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

Fotografia AMERICA

OS RETRATOS MAIS CHICS

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º
(ao Intendente)
LISBOA
TELEFONE N. 3029

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.da

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

OS CHÁS ELEGANTES DE LISBOA SÃO NA

FERRARI

A TRADICIONAL E ARISTOCRATICA PASTELARIA DA RUA NOVA DO ALMADA

A Prestações

Fatos e sobretudos no rigor da Moda. — Rua da Escola Polytechnica, 35, 2.º — LISBOA.

DR. ANTONIO DE MENEZES

ORTHOPEDIA

ÁS 5 HORAS

TELEF. N. 908

NÃO HAJA DUVIDA QUE OS FATOS FEITOS E POR MEDIDA, SOBRETUDOS DA MODA E CAPAS ALEMTEJANAS são sempre mais BARATOS

CASA DAS TESOURAS

51-51A RUA DA ESCOLA POLYTECNICA 53-55
PERES & ARRANTES SUC.res

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa franceza — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 51

LISBOA

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Mobilias completas

Casas de jantar, quartos, salas e escritorios em todos os estilos, dos mais luxuosos aos mais modestos. Moveis desirmanados compra, troca e vende nas melhores condições. Fabricante de Maples em todos os sistemas. Veludos, cretones e peles.

Rua Passos Manuel, 41, 43

LISBOA

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

O DOMINGO ILUSTRADO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Góa, Mormugão, Bombaim (India ingleza).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaos.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue de Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 — SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 — SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

A grande hora elegante, na "Garrett"

A famosa casa de Lisboa, grande centro de mundanismo e de elegancias, regorgita, á hora do chá, no meio da loucura dos "jazz-bands". E' um dos grandes aspectos de civilisação de Lisbôa que fixamos nesta pagina.